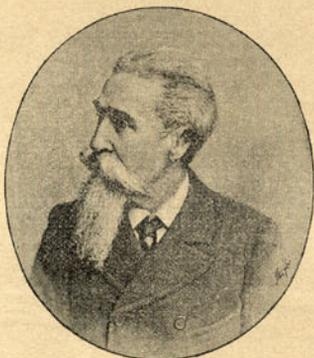
A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 52 | Domingo 31 de dezembro | 1893

Raymundo de Bulhão Pato

FALAR meia hora com elle é quasi conhecer-lhe a biographia.

A distincção do gesto, a fórma elegante d'uma amabilidade, o culto respeitoso das senhoras, a cortezia d'uma fraze fóra de moda, e, juntamente, o olhar que debaixo da sobrancelha negra conserva o brilho da já ida mocidade, um *por Deus!* só d'elle, enthusiastico e sincero, ante qualquer manifestação d'arte que o commova, o movimento de cabeça com que atira para traz a vasta cabelleira romantica, revelam, ao mesmo tempo e immediatamente, em Bulhão Pato, o gentilhomem primoroso e o poeta de raça.

A intelligencia precoce e, talvez um pouco tambem, um bocadinho d'inverno, que lhe atormentou a primavera da vida, fizeram d'elle, aos desaseis annos, um verdadeiro homem, cujo convivio foi procurado por quantos, n'esse tempo, tinham nome e fama nos salões da aristocracia, da arte e da politica.

N'esse convivio fortificou a fé nos seus ideaes e os seus principios d'honra, traçando em linha recta a sua estrada pelas cumiadas, e o poeta, quasi junto á nascente, bebeu da caudal purissima do romantismo, em que teve tanta fé, que foi sempre o seu ideal na arte e que de tantas flores lhe juncou a estrada.

Como homem e como poeta, tolerante para o genio e para a mocidade, nunca apostata, defende, energica, eloquentemente, os principios por que viu soffrer os outros, e, cheio de gratidão, os ideaes, que lhe enxugaram tanta lagrima de dôr e lhe abriram tantos risos de alegria.

N'essa defeza Bulhão Pato torna-se um pouco estranho para o nosso tempo, sem fé, sem crenças, sem enthusiasmo. Os olhos fusilam, a cabelleira sacudida ondula em temporal, a pera enorme projecta-se para a frente, a estatura cresce um palmo, o gesto é rapido, vehemente, nervoso; rebentam exclamações — Á fé! Por Deus! — refervem frazes enthusiasticas; as ironias e as hyperboles salpicam-lhe o discurso de gotas côr de sangue. É a cheia pela vertente levando adeante os caniçados, os palheiros, os muros de taipa, as casas de pedra secca.

É possivel, talvez, que esta lança sempre em riste recorde por vezes a arma temivel d'um heroe famoso; mas é lembrar como o tempo o foi sanctificando que, n'este fim burguez de seculo das luzes, só falta a D. Quixote o ter sido creado por Deus para o pôrmos n'um altar de cujos degráus beijassemos o pó.

Eram assim os homens do seu tempo que nós só conhecemos velhos e alquebrados. Uns foram martyres, outros apenas heroes. Tinham idéas, batiam-se por ellas. Uns contra os outros, e respeitavam-se. Os ideaes mudaram, é facto; entretanto mais vale a gente bater-se contra moinhos crendo que são gigantes do que fugir d'anões pretextando que são moinhos.

O culto de Bulhão Pato por toda essa pleiade, que deslumbrou a sua adolescencia, vai até á canonisação dos mais fulgurantes. É tremulo de commoção respeitosa, n'um enthusiasmo ardente que pronuncía os nomes do Beato José Estevam, de Santo Alexandre Herculano. Elle tem sobretudo a memoria do coração, a mais feliz e a mais infeliz de todas.

Sem precisar da envergadura das azas d'Icaro, Bulhão Pato encontra a inspiração dos seus melhores contos, as notas mais agudas de sensibilidade das suas deliciosas memorias, simplesmente ouvindo o que a saudade lhe canta mansamente n'alma. Viajou muito, soube vêr e sentir, e, no entanto, parece que mais o interessa um cantinho da Beira, onde passou uma noite entre amigos, do que o Moisés de Miguel Angelo, gigante obra de gigante, que lhe arrancou lagrimas de commoção. É que a saudade é-lhe mais doce que o enthusiasmo, e sentir de novo é reviver.

Conversador como raros, é sobretudo d'esse passado luminoso, hoje envolvido em gazes luctuosas, que lhe apraz falar. Nem só dos amigos então. Ás vezes, raras vezes, lá deixa escapar uma fraze indiscreta, e a mão, que levou á bocca para esconder um sorriso de vaidadesita, acaricia longamente o bigode. . . branco, branco.

Saber recordar!. . . Quando, ha mezes, a doença, a acirrar-lhe os nervos, lhe impediu o somno, noites e noites, nem um só fantasma o visitou durante as insomnias; não vieram feril-o os remorsos, d'esses que se arrastam peçonhentamente pelas cavernas escuras das almas. Bulhão Pato recordava . . . e fazia versos. A sua paixão.

Prosador de primeira ordem, embóra, prefere o rhythmo e a rima, harmonia divina com que acompanha o desenvolvimento melodico da idéa.

Escreveu Gautier no prologo extraordinario que fez ás *Flores do Mal:*

« *Vouloir séparer le vers de la poésie, c'est une folie moderne qui ne tend à rien de moins que l'anéantissement de l'art lui-même.* »

Richepin poude dizer sobre o mar mais do que Michelet, porque, escreveu-o elle, dispunha do verso.

«... le vers, rhythme et rime, harmonie et cadence,
Le vers souple, ondulant, multiforme, divin,
Mystérieux. Il a des secrets de devin
Pour accoupler des mots la lointaine accordance.

Vague et précis, léger et lourd, subtil et dense,
Il peut tout embrasser, tout lui résiste en vain.»
. . . .
. . . .

De versos entendem alguns que só podem servir para aguar uma idéa ou disfarçar-lhe a pobreza á laia de tapa-miserias. A verdade é que de versos não entendem nada, nem a magia do timbre d'uma rima sonora, nem de como voga a fantasia ao compasso do rhythmo. Falta-lhes um dom especial; são como os surdos para a musica. Bem fizeram as raposas não querendo cortar os rabos.

Bulhão Pato é um crente. Lyrico por natureza e por educação litteraria, tem fé na sua poesia, fez d'ella uma quasi religião, pediu-lhe até, talvez, a fórma externa dos seus antigos sacerdotes.

— Quem é esse homem que passa?

— Um poeta, responde-se.

Basta vel-o.

Precisando que a boa natureza viva lhe refrescasse o sangue, que as doces harmonias campesinas lhe acalmassem os nervos, um dia partiu para o Monte, ali defronte, ao pé de Caparica. Familia pequena, elle e a irmã velhinha. Como nunca jógára o ganha-perde da politica nem o das finanças, bastou-lhe um bote para mudar a casa.

Essa mudança valeu-nos uma nova revelação do seu talento, as ultimas poesias didacticas.

A casa do poeta fica mesmo em frente da bifurcação da estrada da Trafaria com a do Lazareto. Por um lado é perto o mar, por outro, mais perto ainda, o Tejo. A paizagem vulgar d'aquelles sitios: vinhas em volta, pinheiros ao longe. No caminho do Lazareto, a cem metros do Monte, umas ruinas pittorescas: a Casa das Bruxas, na sombra dos grandes ulmeiros, onde os rouxinoes cantam na primavera.

Á hora em que o orvalho sobe mansinho no ar socegado, fazendo tremer os contornos longinquos, Bulhão Pato, madrugador, pega da espingarda e elle ahi vae por esses montes atraz das perdizes, por esses pinhaes á espera das gallinholas.

E, vá por onde fôr, a natureza é bella sempre. Por uma d'estas permutações faceis a poetas, as mulheres que o saudam teem o perfume das rosas; sorriem-lhe, como labios frescos de mulheres, as papoilas de entre o trigo. O valle, mais abaixo, abre-se como um leque, de que o Tejo fulgurante fosse as varetas de prata; o panno parece pintado por um chinez paciente, o recorte fino dos montes da outra margem, o arvoredo até, com aquella nitidez que dão ás linhas os raios quasi horisontaes do sol nascente. E o abrigo nas tardes chuvosas na barraca do homem do mar ou na choça do rachador de lenha? Ouvem-se perto os clarins da ventania e ao longe as ondas rufando no areal da Costa e nos cachopos da barra.

Tudo isso é transformado nos mais bellos alexandrinos, n'aquella opulenta lingua em que o Visconde de Castilho traduziu o dulcissimo, o grande poeta mantuano. A palavra sae-lhe tão certeira como a balla da sua carabina.

As poesias didacticas de Bulhão Pato teem sobretudo uma subjectividade encantadora. A natureza vista atravez da alma do poeta poderá ser que perca em fidelidade para quem a não saiba sentir com aquella mesma agudeza, com egual paixão, com o mesmo deslumbramento; mas a mascara moldada em gêsso sobre

a face do cadaver é menos retrato que o esboço, ás vezes pouco mais que informe, a que o artista soube dar vida e expressão.

Foi esta paixão pela natureza, hoje exacerbada, mas já velha em Bulhão Pato, que deu uma feição caracteristica, talvez nova em obra portugueza, á segunda parte do seu grande poema lyrico.

A *Paquita*, começada aos desaseis annos, foi acabada agora aos sessenta e quatro. Com que amor não é tratada essa filha dilecta! Que porção de vida, de sonhos côr de rosa não representam aquellas estrophes! A Paquita, a filha querida da sua alma de poeta, foi a terna companheira que viveu com elle, que se lhe debruçou alta noite sobre o leito, fantasma branco, immaculado, a acalentar-lhe o somno; chorou nos seus lutos, riu nas suas alegrias, veiu coroal-o nas suas glorias.

Hoje que todos vivemos arrependidos da obra começada hontem, sem ideaes definidos em arte, sem fé em processos, mal podemos perceber essa fidelidade de coração e espirito, esse matrimonio castissimo com a mesma musa, nós que temos a nossa tão desbragada, tão desacreditada por casas de passe onde só dormimos uma noite.

N'esse poema Bulhão Pato vai demonstrar-nos o estado constantemente progressivo do seu espirito. Embora fiel aos principios, soube assimilar todo o progresso, toda a novidade que os não offendia. Querido de velhos e novos, aos velhos dirá: — «Não vos deixa o vosso companheiro.» E depois, saccudindo os cabellos brancos, aprumando-se, arrebitando as guias do bigode, entrará na liça com o seu poema na mão.

— «Logar aos novos!»

João da Camara.

CHRONICA ELEGANTE

Não ha na religião christã festa que mais alegre e encante do que a do Natal, festa que a tradicção popular reveste de todo o pittoresco campezino, representando o Menino-Deus nascido nas humildes palhinhas de um presepio, emquanto ao longe, descendo pela enfesta do monte, se avistam já os ranchos dos pastores, que veem dançando e cantando ao som roufenho da gaita-de-folles e do rufo animado dos tambores.

Parece que a natureza inteira n'aquelle dia concorreu para festejar o milagroso Advento! O ceu estava mais azul, o sol mais brilhante e até as levadas, que iam mover as rodas das azenhas, derivavam e murmuravam mansamente por entre a verdura tenra dos hervaçaes! Em hora de tamanho jubilo, não pode deixar de haver um festim em cada casa. Tiram-se do lume os manjares mais saborosos, retira-se das arcas o melhor bragal, e passam em torno da meza os picheis, para que todos comam, bebam e cantem alegremente em signal de regosijo! E para que o jubilo chegue a todos os corações, repartem os ricos dos seus haveres pelos pobres, suavisando assim a sorte ingrata dos que vieram ao mundo abandonados da fortuna.

* * *

Para commemorar o Natal, inaugurou Sua Magestade a Rainha este anno um *Dispensario*, caridoso asylo em que são recolhidas e tratadas as creancinhas pobres e enfermas.

Não chega ao piedoso coração da excelsa Princeza um grito afflictivo de dôr, que o não abale e commova; e de tantos desventurados a que ella accode e soccorre não podia deixar de inspirar-lhe um sentimento de mais intensa compaixão as pobres creancinhas doentes, que, á mingua de meios e de recursos, estavam condemnadas ao soffrimento e á dôr, emquanto a morte as não viesse para sempre libertar.

A inauguração do *Dispensario*, que representa mais um acto do piedoso coração da Rainha, não podia deixar de ser, como na realidade foi, uma festa encantadora e que a todos impressionou e commoveu.

A expressão de affectuosa bondade, a sollicitude, o carinho e o disvello com que Sua Magestade se acercava das creancinhas, affagando-as com verdadeira ternura maternal, não só provocou lagrimas de gratidão aos paes que viam assim amparados e soccorridos os pobres filhinhos doentes, mas despertou no coração de todos os que alli assistiam o sentimento da mais viva sympathia e o culto da mais profunda veneração pela pessoa da Rainha!

E foi assim, por mais um acto da sua ineffavel bondade, que Sua Magestade a Rainha quiz este anno commemorar o Natal, associando os pobres á sua festa, e repartindo por elles, não só uma parte dos seus haveres, mas uma grande parte dos seus affectos.

* * *

A filha do sr. Marquez d'Spinola, illustre ministro de Italia entre nós, reuniu no dia do Natal algumas das suas amigas mais intimas a fim de assistirem a uma festa de Natal dada a trinta creancinhas pobres.

Por um grupo de senhoras da nossa primeira sociedade foi servido um bôdo ás protegidas e offerecida a cada uma um vestido completo.

É a primeira vez que a familia do illustre diplomata passa entre nós o dia do Natal. E, assignalando por um acto tão sympathico a sua presença em Lisboa, não poderia deixar de o registar na nossa chronica, reunindo o nosso reconhecimento aos das familias que ali encontraram um tão generoso amparo.

Não reconhece fronteiras a pratica evangelica da caridade; mas se é digna de elogios a que se exerce entre filhos da mesma terra, mais justos e fervorosos louvores merece, quando a esmola vem, como n'este caso, da piedosa mão d'um estranho.

Graziel.

NO BAILE

(CANTO VI DA PAQUITA)

Entrei no baile, quando a valsa rapida
Corria as salas em airosas voltas!
Das leves roupas, transparentes, soltas,
Que doce aroma se esparzia no ar!
Parei mirando aquellas frontes candidas,
Que se animavam d'alegrias loucas,
Amor calando nas graciosas boccas,
Amor dizendo no inspirado olhar!

Corria a valsa, recrescia o jubilo!
Era um delirio a rumorosa festa!
Ó Deus! que imagem, que visão foi esta,
Que formosura, que mulher, ó Deus!
Lá vai, lá foge! Na passagem celere
Mudou-se um pouco aquelle rosto altivo:
Vi-a cobrir-se d'um rubor mais vivo,
Volver os olhos procurando os meus!

Volta, suspensa sobre os braços tremulos
Do par ditoso, que o salão percorre;
Nos doces ecos a cadencia morre;
Cessa o delirio do girar febril!
Parou sorrindo! de seus olhos languidos
O azul celeste resplandece agora,
Como aos lampejos da punicea aurora
O ceo resplende no florido abril!

Ella n'um baile! Esta visão etherea,
Vi-a; mas como, em que logar, e quando?
Quando? uma tarde, em que o perfume brando
Da primavera respirava no ar.
Como? cingida d'essa luz suavissima
Que o sol derrama ao expirar do dia.
Onde? na margem onde o mar batia,
E ella em silencio contemplava o mar!...

Porém de novo o seu olhar, volvendo-se,
O meu procura com profundo affecto;
O seio virgem lhe palpita inquieto;
De novo a valsa no salão rompeu!
A valsa! a valsa! d'esta vez, sorrindo-me,
Nos meus seus braços com ternura enlaça:
Assim o archanjo n'este mundo abraça
O venturoso que transporta ao ceo!

Findára o baile. No horisonte limpido
Vinham reflexos de manhã formosa;
Mais inspirada aquella voz saudosa
Disse: — «Sou tua, meu serás tambem!»—
E ante as estrellas que brilhavam timidas
Vendo os alvores do nascente dia,
O que eu jurava, o que ella emfim dizia,
Ninguem o disse, nem jurou ninguem!...

A voz, o gesto, a graça, o sentimento,
Com que Pepe estes versos declamára,
Oh! que impressão não fez nesse momento!
Angelita de subito córára,
Emquanto a nossa Herminia como um lyrio,
Ou mais pallida ainda, se tornára!

Numa estrophe em que o moço descrevia
Os olhos da visão fascinadora,
Como vimos ha pouco, elle dizia:
«O azul celeste resplandece agora;»
E nas pupillas da formosa ingleza
Um purissimo azul resplandecia:

Azul do alvorecer, illuminado
Por um raio de luz! e, nesse instante,
Tambem naquelle seio immaculado
Despontava risonho e scintillante
O grato sol do amor, clarão propicio
Que lhe inundava o juvenil semblante!

Herminia, a nossa estranha formosura,
Que singular contraste apresentava!
Nos olhos, negros como a noite escura,
De quando em quando um raio faiscava,
Fulgor sinistro do mortal ciume
Que no gesto minaz se lhe pintava!

A valsa! aquella valsa! Infelizmente
Passou-se muito mais! A ingenua ingleza
Escolheu para doce confidente
A propria Herminia, e teve a singeleza
De contar que de tarde recebêra
Os versos do hespanhol occultamente!...

Herminia não tremeu: ergueu-se altiva,
Passada a confidencia, e retirou-se.
Adelina ficára pensativa.
Depois o nosso heroe aproximou-se
Pedindo-lhe uma valsa; mas a ingleza
Poz os olhos no chão... e recusou-se!...

FOLHETIM

A ABOBADA

III

Dizendo isto, Frei Lourenço chegou-se a el-rei e disse lhe o que quer que fosse. Elle escutou-o attentamente e, tanto que o prior acabou, assentou-se outra vez na sua cadeira de espaldas e fez signal com a mão aos fidalgos e cavalleiros para que tambem se assentassem.

Frei Lourenço, acompanhado de mais alguns frades, subiu pela igreja acima e entrou na sachristia. Todos ficaram esperando, silenciosos e immoveis como mestre Ouguet, o desfecho d'esta scena, que se encaixava no meio das scenas do auto.

Tinham passado obra de tres credos, quando, sahindo outra vez da porta da sachristia, Frei Lourenço voltou pela igreja abaixo, revestido com as vestes sacerdotaes, chegou á teia, abriu-a e encaminhou-se para mestre Ouguet. Depois, olhando de roda e fazendo um aceno de auctoridade, disse:

«Ajoelhae, christãos, e orae ao Padre Eterno por este nosso irmão, tomado de espirito immundo.»

A estas palavras, rei, cavalleiros, frades, povo, tudo se pôs de joelhos. E ouvia-se ao longo das naves o sussurro das orações.

Só mestre Ouguet ficou sem se bulir, com o rosto mettido entre as mãos.

O prior lançou a estola á roda do pescoço do possesso e queria atar os tres nós do ritual; mas o paciente deu um estremeção e, tirando as mãos da cara, fez um gesto de horror e gritou:

«Frade abominavel, tambem tu és conluiado com o cégo?»

«Não ha duvida! — disse por entre os dentes o prior — mestre Ouguet está endemoninhado.»

Tirando então da manga um pergaminho, em que estavam escriptas varias cousas de doutrina, pol-o sobre a cabeça do mestre, fazendo sobre elle tres vezes o signal da cruz.

David Ouguet soltou então uma d'estas risadas nervosas que horrorisam e que tão frequentes são, quando o padecimento moral sobrepuja as forças da natureza.

Quando os ergueu, as gotas cristalinas
Rebrilhavam nas palpebras mimosas;
E as faces, que eram rosas purpurinas,
Lyrios eram depois em vez de rosas:
Lyrios por onde o orvalho, estremecendo,
Se convertia em bagas diamantinas!

—«Recusa?! que lhe fiz?» — disse Pepito,
Reparando na subita mudança.
Bastou, leitora, este singelo dito!
Um raio d'alegria e d'esperança
Resurgiu outra vez naquelle rosto,
Que ha pouco vimos contrair-se afflicto!...

Assim passam na fresca primavera
As nuvens do aguaceiro repentino;
O sol, que por momentos se escondêra,
Já brilha no horisonte cristalino,
E as flores do vergel, por entre as lagrimas,
Riem do susto que no prado houvera.

Herminia?... Essa partíra em continente;
Porém, ao perpassar, fizera um gesto,
Que o mancebo entendeu perfeitamente:
Era o solemne, era o formal protesto
D'acabar para sempre aquelle encanto,
Rompendo os laços d'um amor funesto!

Lograria fazer o que jurára?
Não sei. A doida valsa proseguia;
Pepito, que um momento se turvára,
Agora já não via nem sentia
Senão esse ideal de formosura
Que nos convulsos braços comprimia.

E ella feliz, risonha, embevecida
Toda no seu amor, tambem julgava
Que o ceo, o proprio ceo, era esta vida!
Candida virgem que no mundo entrava,
Teria no futuro o mar tranquillo,
Como esse em que ella agora navegava?

Imprevisto, terrivel, decisivo,
Fôra o golpe que Herminia recebêra;
E de repente aquelle genio altivo,
Pisado em seu orgulho, resolvêra,
Como dissemos já, romper os laços
D'um amor que em traição se convertêra.

Eis a carta, leitor, que ella escrevia;
Quatro linhas: estilo sentencioso:
— «A tua nobre mão salvou-me um dia,
Para depois (ufana-te, orgulhoso!)
Me despenhar da altura de meus sonhos
No abismo da traição! Que villania!...»

Datou, sobrescriptou, e em continente
Fez tomar á missiva o seu destino.
Pepito abriu, e leu com voz tremente;
Correu-lhe um calafrio repentino
Pela espinha dorsal, depois mais outros,
Até que veiu emfim a febre ardente!

BULHÃO PATO.

Anniversarios da semana

Domingo 24 — As sr.as: D. Carlota Joaquina Emma de Carvalho, D. Amelia do Nascimento Augusta Leal, D. Maria da Gloria Paula Henriques de Vasconcellos Lima d'Albuquerque, D. Maria da Conceição Alves de Sá, D. Palmyra da Silva Sanches.

E os srs.: D. Fernando d'Almeida, Jayme Batalha Reis, Estevão Ribeiro da Silva, José Joaquim da Costa, Silverio Antunes Ribeiro da Costa, Jorge d'Oliveira Machado, Augusto Ferreira, Joaquim Augusto de Carvalho Santos, Affonso Canête de Castro.

Segunda-feira 25 — As sr.as: Viscondessa de Bucellas, D. Eugenia Augusta do Valle Figaniéri, D. Juietta Garin, D. Maria Izabel Paes, D. Maria do Nascimento Paes Tedeschi, D. Maria da Natividade de Mello Queiroz, D. Maria Christina de Faria, D. Adelina do Nascimento Nunes, D. Maria do Carmo Reis, D. Rosalina de Jesus Barreiros, D. Clotilde Gama.

E os srs.: Manuel Guedes de Castro Ribeiro (Córte), Conselheiro Custodio de Borja, José Joaquim Dias Galles, José Augusto de Lima Lemos Caupers, Alfredo Travassos Valdez, José Umberto Coelho da Fonseca, Commendador José Maria de Sousa Mattos, José Augusto Murteiro.

Terça-feira 26 — As sr.as: D. Piedade Gorjão, D. Maria Rosa de Oliveira, D. Laura do Nascimento, D. Rita Sobral Pereira.

E os srs.: Jorge Smith, João José da Costa, Thomaz d'Almeida

«Cão tinhoso — bradou Frei Lourenço — espirito das trevas, enganador, maldito, luxurioso, insipiente, ebrio, serpe, vibora, vil e refece demonio; emfim, castelhano. Em nome do creador e senhor de toda-las cousas, te mando que repitas o credo ou sáias d'este miseravel corpo.»

Mestre Ouguet ficou immovel e calado.

«Não cedes?! — proseguiu o prior. — Recorrerei ao septimo, ao mais terrivel exorcismo. Veremos se poderás a teu salvo escarnecer das creaturas feitas á imagem e semelhança de Deus.»

Depois de varias ceremonias e orações, Frei Lourenço chegou-se ao pobre irlandez e começou a repetir o conjuro, fazendo-lhe uma cruz sobre a testa, a cada uma das seguintes palavras, que proferia lentamente:

«Hel — Heloym — Heloa — Sabaoth — Helyon — Esereheye — Adonay — Iehova — Ya — Thetagrammaton — Saday — Messias — Hagios — Ischiros — Otheos — Athanatos — Sother — Emanuel — Agla —...

«Jesus!» — bradou a uma voz toda a gente que estava na igreja.

«Diabo!» — gritou mestre Ouguet; e cahiu no chão como morto.

E houve um momento de angustia e terror, em que todos os corações deixaram de bater, e em que todos os olhos, braços e pernas ficaram fixos, como se fossem de bronze.

Um ruído, semelhante ao de cem bombardas que se houvessem disparado dentro do mosteiro e que soara da banda da sachristia, tinha arrancado aquelle grito de mil bocas e convertido em estatuas essa multidão de povo.

Ha situações tão violentas que, se durassem, a morte se lhes seguiria em breve; mas a providente natureza parece restaurar com dobrada energia o vigor physico e espiritual do homem depois d'estes abalos espantosos. Então, melhor que nunca, elle sente em si que, postoque despenhado, não perdeu a sublimidade da sua origem divina. A reacção segue a acção; e quanto mais timido o individuo se mostrou, mais viva é a consciencia da propria força, que, depois d'isso, renasce com o destemor e ousadia.

Foi o que succedeu a D. João I. aos cavalleiros do seu sequito e ao povo que estava na igreja de Sancta Maria, passado aquelle instante de sobrenatural pavor. A terribilidade da ceremonia que Frei Lourenço executava, o ruído inesperado que rompera o exorcismo, o grito blasphemo do architecto, no momento de cahir por terra, o logar, a hora, eram cousas que, reunidas, fariam pedir confissão a uma grande manada de encyclopedistas e que, por isso, não é de admirar fizessem impressão vivissima em homens de um seculo, não só crente, mas tambem

Cayolla, Augusto Mario Osorio, José Estevam d'Azevedo, Carlos Possollo de Sousa, Fernando da Silva Baldaque Cunha.

Quarta-feira 27 — As sr.as: Condessa de Linhares, Viscondessa da Ermida, D. Maria do Carmo Mendóça (Azambuja), D. Ambrozina da Purificação Montenegro Teixeira (Casaes do Douro), D. Adelaide de Paiva Adelino, D. Christina Infante Maldonado Pessanha de Lemos Vieira, D. Fausta Octavia da Cunha.

E os srs.: Marquez de Fronteira, Marquez de Pombal, D. João Zarco da Camara (Ribeira), Augusto d'Oliveira Machado, Luiz da Matta.

Quinta-feira 28 — As sr.as: Condessa do Casal Ribeiro (D. Emilia), D. Maria do Sagrado Coração de Almeida e Napoles (Almeida), D. Josepha do Amaral Chaby, D. Beatriz de Mendonça, D. Rita Sobral Pereira, D. Emilia Bobone Van-Zeller, D. Maria do Carmo Callado de Castro das Neves Ferreira, D. Maria da Conceição Leforte, D. Leopoldina Augusta Almeida, D. Christina Isabel M. Bogalho Pinto.

E os srs.: Conde de S. Martinho, D. João de Lencastre (Abrantes), D. Antonio Manuel Vilhena de Saldanha (Alpedrinha), Dr. Bernardo d'Albuquerque e Amaral, Albino Pimentel, Antonio Arthur Baldaque da Silva, Augusto Guedes Teixeira, José Joaquim de Mattos Fernandes.

Sexta-feira 29 — As sr.as: D. Maria Leonor Manuel de Vilhena (Alpedrinha), D. Francisca Augusta Telles de Macedo (S. Cosme), D. Maria da Conceição Gondair de Lacerda, D. Adelaide Emilia Gonçalves Martins Queiroz, D. Maria de Jesus Perdigão Carvalho.

E os srs.: Domingos Maria da Camara Berquó (Belmonte), José Germano do Vadre de Mesquita e Mello (Andaluz), Dr. José Moreira da Fonseca, Augusto Forjaz, Bernardo Pedro Pragana Neves, Jorge d'Oliveira Machado, Berlamino Pereira de Abren e Sousa.

Sabbado 30 — As sr.as: Condessa de Ottolini, Baroneza de Saavedra, Baroneza do Salgueiro (D. Maria Luiza), D. Emilia do Carmo Barroso Tierno, D. Amelia Wan-Zeller Berquó, D. Anna de Lencastre, D. Maria Joanna C. Bastos, D. Judith de Chaby.

E os srs.: Marquez de Fontes Pereira de Mello, D. Augusto de Sequeira Thedim, João de Sousa Canavarro, Luiz Augusto da Silva Heitor, Henrique Manuel Cabral Couceiro, Fernando de Chaby, Manuel Bernardo Pereira de Chaby, Antonio Thomé Dias da Silva, Pedro Xavier Canavarro de Valladares (Ribeira da Pena).

THEATROS E CIRCOS

S. Carlos

Nas seis primeiras recitas de assignatura da companhia lyrica de S. Carlos, a empreza pôz em scena quatro operas de tres compositores differentes, o *Tannhauser* e *Lohengrin*, de Wagner, os *Huguenotes*, de Meyerbeer e o *Fausto*, de Gounod; e n'essas quatro operas fez-nos a empreza ouvir as principaes cantoras do elenco, Darclée, Mendioraz, Carrera e Guerrini.

Afóra o barytono Maurel e o tenor Duc, que chegarão brevemente, a companhia póde já hoje ser apreciada no seu conjuncto pelos frequentadores e pela critica. E tanto bastou ouvir a sr.a Darclée nos *Huguenotes*, a sr.a Mendioraz e a sr.a Guerrini no *Lohengrin*, e a sr.a Carrera no *Tannhauser*, para o publico perceber que estava na presença de artistas de valor e dignos do mais favoravel acolhimento.

Distinguem-se entretanto a sr.a Darclée e a sr.a Mendioraz. A primeira, cujos trabalhos lhe teem criado uma brilhante reputação nos melhores theatros estrangeiros, reune a todas as qualidades artisticas de um soprano dramatico de primeira plana, uma notavel formosura e distincta elegancia.

E não desmente a origem. Nasceu na Roumania, mas descende de uma familia da Grecia, paiz onde até hoje mais fervorosamente se levantou culto á arte e á belleza. De estatura esbelta, delicada de feições, os olhos pretos e expressivos, a bocca mimosa e fresca, o seu fino temperamento artistico denuncia-se logo á primeira vista. A estes predicados alliam-se os dotes de uma verdadeira cantora de raça. A sua voz, de um timbre tão suave e tão puro, ouve-se com prazer, admirando-se ao mesmo tempo a facilidade na emissão e a sua maleabilidade na expressão dos diversos sentimentos.

O publico, que ficou muito bem impressionado apenas lhe ouviu as primeiras phrases, assignalou todo o seu trabalho com salvas repetidas de palmas, fazendo-lhe uma ovação especial e calorosa no fim do espectaculo.

A sr.a Mendioraz, que se póde dizer estar no começo da carreira, póde sem contestação ser já equiparada ás cantoras de mais renome. Quantas, que estão hoje gosando de uma reputação mais brilhante, a não excedem, nem egualam

---

supersticioso. Todavia, o animo indomavel do mestre d'Aviz brevemente fez cobrar alento a todos os que ahi estavam.

«É, em verdade, descommunal maravilha o que temos visto e ouvido — disse elle com voz firme, voltando-se para os que o rodeavam; — mas cumpre indagar d'onde procede o ruído que veio interromper o mui devoto padre prior no exercicio do seu ministerio tremendo. Soou esse medonho estampido da banda do claustro: vamos examinar o que seja: se diabolico, estamos na casa de Deus, e a cruz é nosso amparo: se natural, que haverá no mundo capaz de pôr espanto em cavalleiros portuguezes?

Dizendo isto, el-rei desceu do estrado e encaminhou-se para a sachristia. Os cavalleiros da comitiva, os frades, os tres reis magos (que ainda estavam em pé sobre o tablado) e grande parte do povo tomaram o mesmo caminho.

El-rei ía adiante, e o prior era o que mais de perto o seguia. Cruzaram o arco gothico que dava communicação para a sachristia: ahi tudo estava em silencio: uma lampada que pendia do tecto dava luz frouxa e mortiça, e, a esta luz incerta e baça, encaminharam-se para a porta do capitulo. Ao chegar a ella, todos recuaram de espanto, e um segundo grito soou e veio morrer sussurrando pelas naves da igreja quasi deserta:

«Jesus!»

As portas haviam estourado nos seus grossissimos gonzos, e muito cimento solto e pedras quebradas tinham rolado pelo portal fóra, entulhando-lhe quasi um terço da altura. Olhando para o interior d'aquella immensa quadra, não se viam senão enormes fragmentos de cantos lavrados, de laçarias, de cornijas, de voltas, e de relevos: a lua, que passava tranquilla nos céus, reflectia o seu clarão pallido sobre este montão de ruinas, semelhantes aos monumentos irregulares de um cemiterio christão; e, por cima d'aquelle temeroso silencio, passava o frio leste da noite e vinha bater nas faces turbadas dos que, apinhados na sachristia, contemplavam este lastimoso espectaculo.

Dos olhos d'el-rei e de Frei Lourenço cahiram algumas lagrimas, que elles debalde tentavam reprimir.

A abobada do capitulo, acabada havia vinte e quatro horas, tinha desabado em terra!

ALEXANDRE HERCULANO.

sequer! Não se julgue, porém, que o seu nome seja desconhecido em theatros notaveis. Em alguns e dos mais affamados tem a sr.ª Mendioraz cantado, e em todos elles tem sido muito applaudida. E será, sem duvida, em breve uma celebridade, porque é uma artista completa, com uma educação musical esmerada, com excellentes dotes vocaes e impondo-se ao publico pela attrahente sympathia da sua figura e pela correcção com que interpreta os seus papeis.

No *Loheugrin*, a sr.ª Mendioraz mostrou bem como a musica de Wagner não tem para ella segredos. Educada artisticamente por sua mãe, que é de origem allemã, desde os mais tenros annos se affeiçoou áquelle genero de musica, estudando e interpretando os compositores mais notaveis. Com tanto mimo ella canta, com tanta consciencia representa, que os espectadores, ainda os mais rebeldes ás composições de Wagner, se sentem presos á musica, applaudindo finalmente a artista que assim lhes conquista a attenção e lhes encanta o ouvido.

A sr.ª Guerrini revellou-se egualmente uma bôa cantora, de voz sã, quente e muito bem timbrada. No formoso *duetto* do 2.º acto do *Lohengrin* enthusiasmou o publico, e foi calorosamente applaudida. Em outras operas esperemos colherá os mesmos applausos.

A sr.ª Carrera cantou muito bem a sua parte no *Tannhauser*. E, apesar das hesitações que sempre accommettem uma artista que pela primeira vez se apresenta ás nossas plateias, mais severas que complacentes, manteve-se á altura de uma cantora muito apreciavel e distincta, e foi applaudida.

Não nos referimos hoje particularmente a cada um dos cantores. Fal-o-hemos na proxima occasião, devendo comtudo dizer que teem sido apreciados favoravelmente pelo publico.

Hontem cantou-se o *Fausto*, e sobe brevemente á scena o *Othello*.

Resumindo: a companhia é muito bôa e o publico está satisfeito.

Parabens, pois, ao emprezario Freitas Brito.

*

D. Maria

Tem continuado em scena a comedia de E. Augier *Casamento de Olympia*.

Está em ensaios a comedia *Monsenhor*, original do sr. Lino d'Assumpção, e a qual deve subir á scena em meiados de janeiro.

*

Gymnasio

Em beneficio da sympathica actriz Beatriz Rente, representou-se n'este theatro pela primeira vez na sexta feira, a comedia original do sr. Eduardo Schwalbach, intitulada *O Filho da Carolina*.

Sem ser rigorosamente *une pièce à thèse*, no *Filho da Carolina* quiz o auctor demonstrar o erro em que caem os individuos que se deixam arrebatar por algumas theorias modernas, applicando-as á sociedade, sem um criterio baseado e seguro. As theorias de Lombroso e de outros criminalistas notaveis teem attrahido muitos adeptos.

Muitos d'estes, porém, ou porque lhes faltem certas bases scientificas para bem as apreciar e applicar, ou porque não tenham um bom criterio, caem, na sua applicação em exageros, que finamente observados por um observador, dão margem a scenas d'um comico irresistivel.

Foi este o trabalho de Schwalbach.

A nova peça, comquanto não seja de egual valor em todos os actos, é uma obra muito apreciavel, scintillante de graça, e que provoca a hilaridade no publico.

Na primeira representação Eduardo Schwalbach foi muito applaudido, assim como todos os artistas que desempenharam a comedia.

*

Trindade

Continua em scena o *Brazileiro Pancracio*, com bandeiras nas varandas do theatro e cartazes com figuras pelas esquinas.

D'onde se vê que os frequentadores da casa não só gostam da peça, até sopeteiam.

Que lhes preste.

*

Rua dos Condes

A revista de Baptista Machado e Eduardo Fernandes — *O Sarilho* — que na sexta feira subiu á scena n'este theatro, agradou immenso.

Contribuiu para o bom exito da peça, o excellente desempenho, e a musica, que é lindissima.

Foi um bello successo.

*

Colyseu dos Recreios

O *Gran Mogol* é uma das peças mais bem cantadas e mais bem representadas pela companhia de operetta franceza.

A partitura tem trechos muito bonitos, e que são graciosamente cantados por madame Reine e madame Crossi. O publico tem applaudido todas as noites o *Gran Mogol*.

A companhia tenciona ir a Coimbra, e de Coimbra ao Porto.

*

Real Colyseu

A pantomima de grande espectaculo *Mazzeppa* é ainda, e será talvez por muitas noites, o grande attractivo ás funcções d'este circo.

A pantomima tem episodios muito variados e os artistas que a representam trabalham bem.

*

Circo Piatti

Houve hontem n'este circo uma enorme enchente com a pantomima — *A Feira de Sevilha*.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio. A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1